

## O MONUMENTO SOB *TUMULUS* DA REGEDOURA 2 (FAFE/NO PORTUGAL)

**Gabriel R. Pereira**

Mestre em Arqueologia. Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar  
“Cultura, Espaço e Memória” - CITCEM/UP. Centro de Arqueologia de Arouca.  
pereira.gr@gmail.com

### RESUMO

Publicam-se os resultados dos trabalhos de escavação, realizados no âmbito da arqueologia empresarial, no monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 (Fafe, Norte de Portugal), em 2014. A publicação destes resultados torna-se particularmente importante quer por se tratar de um monumento sob *tumulus* inédito devido às suas especificidades arquitetónicas. O monumento é provido de um montículo artificial de dimensões médias, no centro do qual se encontrava uma estrutura possivelmente cistoide, na qual foi identificada uma ligeira depressão central eventualmente relacionada com a área de enterramento. Apesar de não existirem evidências de restos ósseos, foram encontrados fragmentos de vários recipientes cerâmicos a par de um pequeno conjunto de artefactos líticos –um braçal de arqueiro, um amolador e um martelo– bem como uma ponta de seta de tipo Palmela. As características construtivas do monumento, o espólio recolhido e as datações radiométricas realizadas levam-nos a admitir a sua integração cronológica na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze.

**Palavras Chave:** Calcolítico, Idade do Bronze, Monumento sob *tumulus*, Contextos e práticas funerárias.

## ABSTRACT

The present article discusses the results of the archaeological digging of the pre-historic tomb of Regedoura 2 (Fafe, North of Portugal), surveyed in 2014. The publication of these results becomes particularly important either because it is an unpublished monument either due to its architectural characteristics. The monument is provided with an artificial mound of medium size, in the center of which was found a cystoid structure. At the center of which was identified a slight depression eventually related with the burial area. Although no evidence of skeletal remains, it was found fragments of ceramic vessels, a set of stone artifacts –a wrist-guard, a whetstone and a hammer– and also a Palmela arrow head type.

The monument constructive characteristics, the objects collected and the radiometric dates lead us to admit its chronological integration in the transition between the Chalcolithic and the Bronze Age.

**Keywords:** Chalcolithic; Bronze Age, burial mound, burial contexts and practices.

## INTRODUÇÃO

O monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 foi descoberto no decurso dos trabalhos de Acompanhamento Arqueológico no âmbito do projeto de execução da Subestação Elétrica de Fafe, sendo o Proponente a Rede Elétrica Nacional (REN). Caracterizando-se, inicialmente, como um possível monumento de pequenas dimensões, com cerca de 6 metros de diâmetro e uma altura aproximada entre os 0,50 e 1,00 metro.

A conservação do monumento implicaria uma alteração substancial do projeto, pelo que se assumiu a sua escavação integral de modo a garantir a memória e a sua salvaguarda por intermédio do registo arqueológico. O presente artigo visa apresentar, de modo sucinto, os resultados obtidos no

decurso da intervenção arqueológica realizada sob a direção do signatário e Ana da Costa Roriz, encarregue pelos trabalhos de Acompanhamento Arqueológico.

## ENQUADRAMENTO FÍSICO E ARQUEOLÓGICO

O monumento localiza-se no distrito de Braga, concelho de Fafe, nos limites administrativos das freguesias de Armil e Cepães, no lugar da Regedoura, designadamente no Monte de S. Jorge. O acesso é relativamente fácil, podendo fazer-se pela estrada municipal n.º 1788, entre Cepães e Armil, cortando-se à esquerda em um pequeno estradão de terra batida rumo ao topo do Monte de S. Jorge. As coordenadas geográficas em graus, minutos e segun-

dos, no sistema WGS84, são as seguintes: Latitude: 41° 25' 33" N e Longitude: 08°12'07" W. A altitude do local situa-se entre os 350m e os 370m.

Em termos geográficos o sítio insere-se ao eixo de uma colina alongada, com cerca de 5,7 km de comprimento por 1,5±0,50 km de largura e de orientação NNE-SSW, sobranceira aos vales de Armil e Cepães e aos rios Vizela e Ferro, que correm 100 metros mais abaixo e ladeiam o monte.

O enquadramento geológico é-nos dado pelo contacto entre duas variedades de rocha granítica bem representadas a nível regional: a Unidade de Granitos de Guimarães e de Santo Tirso, composta por monzogranitos biotíticos, porfiróides de grão grosseiro (cristais euédricos de feldspato potássico), e a Unidade de Granitos de Fafe e de Sendim, constituída por monzogranitos de duas micas com predomínio de biotite. Para além do contacto litológico regista-se, igualmente, a presença de uma falha geológica, nas proximidades do monumento<sup>1</sup>.

A área revela um contexto arqueológico interessante (Fig. 1). O carácter simbólico do local em época pré-histórica revela-se pela presença de mais de uma dezena de monumentos, identificados ao longo desta linha de cumeeira, de que se destaca, a cerca de 200m para SE, o monumento 1 da Regedoura (RORIZ *et al* 2003). Além da necrópole saliente-se a existência

de um possível povoado da Idade do Ferro –Povoado da Retortinha– localizado a cerca de 700 m para NE do monumento (PEREIRA & RORIZ 2014).

## METODOLOGIA

Os trabalhos arqueológicos visaram avaliar o estado de conservação do monumento, caracterizá-lo em termos construtivos, bem como, naturalmente, identificar e registar eventuais restos de práticas e de ritos funerários preservados.

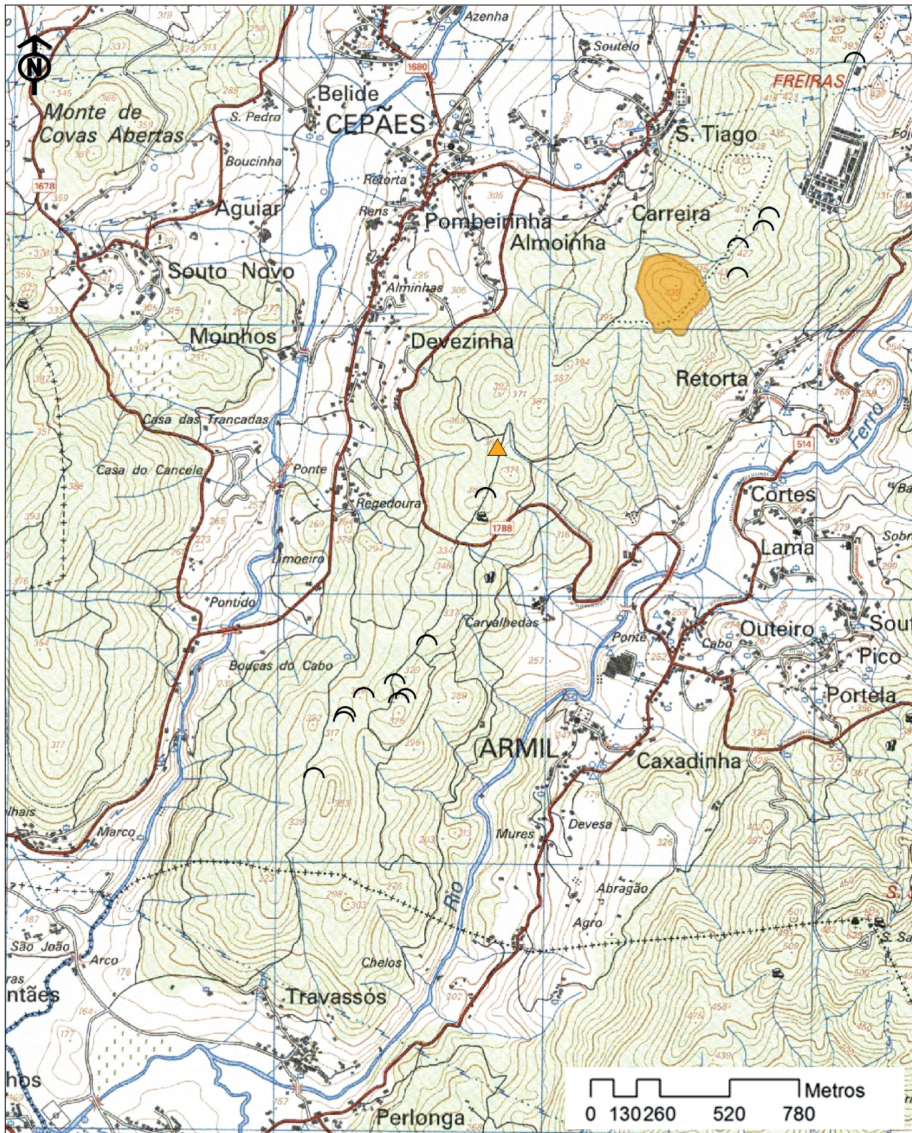
Assim em uma primeira fase procedeu-se à implantação de duas sondagens de diagnóstico (4m x 4m), dispostas em quadrantes opostos. Os resultados das sondagens de avaliação vieram a confirmar a existência de um monumento sob *tumulus*, em relativo estado de preservação, e potenciaram a escavação integral do sítio, na medida que a sua integração implicaria uma alteração substancial do projeto.

A metodologia de registo utilizada seguiu os pressupostos postulados por Philip Barker (1977) e Edward Harris (1979).

## ESTRATIGRAFIA E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÓNICAS

Após a limpeza superficial da área verificou-se que, não obstante as assinaláveis perturbações no *tumulus*, decorrentes de ações de florestação, a estrutura arquitetónica central parecia

<sup>1</sup> Caracterização e análise do geólogo Manuel João Abrunhosa, a quem muito agradecemos



**Fig. 1.** Localização do Monumento da Regedoura 2 e enquadramento arqueológico, Excerto da Carta Militar de Portugal, 1:25000.

apresentar-se em mau estado de preservação, o que a escavação subsequente viria a confirmar.

Após o registo do respetivo plano inicial do monumento, detetaram-se

algumas unidades estratigráficas associadas a processos pós-deposicionais, compostas por depósitos vegetais que sucessivamente o cobriram. O primeiro [100], com aproximadamente 0,02

metros de espessura, corresponde ao um nível de queimada praticada sobre o nível vegetal atual [101], de maior espessura com cerca de 0,08 metros.

Sob esta formação humosa, foram identificados dois outros depósitos igualmente relacionados com formações sedimentares pós-depositivas. O primeiro [103], localizado sobre a couraça do *tumulus*, apresentava uma espessura de 0,10 metros. Enquanto, o último processo pós-depositivo [102], identificado nos limites externos do monumento, em zona de declive, apresentou uma espessura variável, tendo em determinados pontos ultrapassado os 0,20 metros. Este episódio sedimentar, de coloração castanho escuro poderá estar associado à acumulação sucessiva de sedimentos nos limites do monumento, fruto de escorrências naturais.

Deste modo, importa notar que a atual “invisibilidade” do monumento reveste-se de um carácter aparente, fruto dos sucessivos níveis vegetais que paulatinamente se acumularam sobre ele, chegando a atingir cerca de 0,20 metros de altura sobre o monumento e ultrapassando os 0,30 metros de altura, no limite externo, especialmente no sentido Sudoeste-Nordeste, ou seja em função da pendente do terreno original.

### **O *tumulus***

A escavação permitiu caracterizar a estrutura do *tumulus*. Este corresponde, genericamente, a um montículo formado pela acumulação de sedimen-

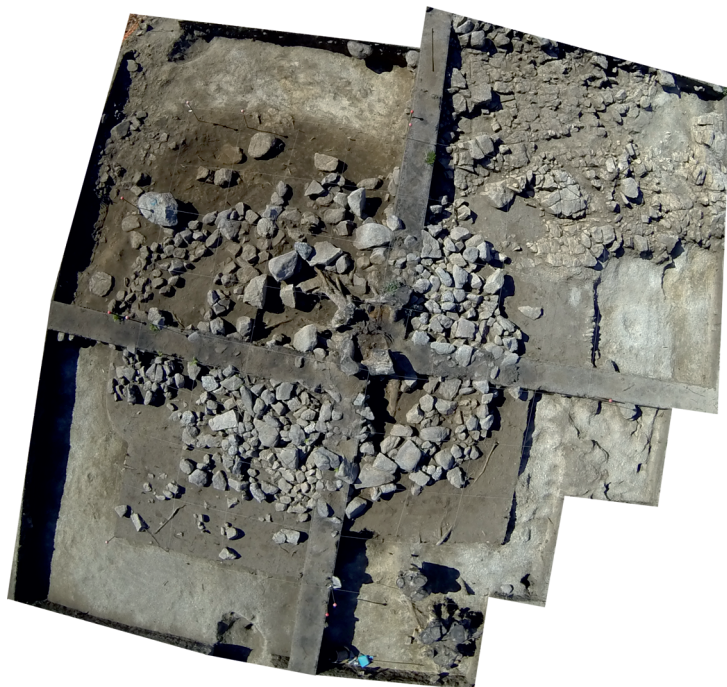
tos que, ora assentam sobre um anel lítico existente em torno da câmara (contraforte), ora assentam sobre o substrato geológico, nas zonas mais periféricas, onde foram contidos por um segundo anel lítico localizado na periferia do monumento.

Após a remoção dos depósitos de acumulação natural foi identificada a couraça pétreo que compunha a massa tumular [106]. Esta estrutura apresentava-se em relativo bom estado de preservação, sendo particularmente notório nos quadrantes WNW e ENE do monumento o imbricado pétreo em posicionamento original (Fig. 2). Ao nível dos constituintes litológicos que caracterizavam esta estrutura saliente-se que os elementos pétreos eram maioritariamente calhaus de granito de grão fino de pequena a média dimensão (c. de 92%), e esparsos blocos angulosos de granito de grão grosseiro com grandes inclusões de feldspato de cor branca (c. de 7%), havendo apenas em pequeno número (< 1%) um conjunto de rochas cuja proveniência não é da envolvente imediata ao monumento.

As terras do *tumulus* eram uniformes, tendo sido construído através da deposição de sedimentos argilosos, de coloração castanho avermelhado escuro, bem compactados, que apresentavam uma disposição diagonal, rampeada, e se iam recobrando do interior para o exterior [107]. Sob esta deposição sedimentar foi identificado um anel lítico interior [111], desenvolvido em torno da área central, de formato circular, com um diâmetro máximo de 4,60



**Fig. 2.** Levantamento aerofotogramétrico – Panorâmica geral da cou-raça do monumento sendo visível a W o solo carbonoso.



**Fig. 3.** Levantamento aerofotogramétrico – Panorâmica geral dos anéis líticos do monumento.

m. Esta estrutura, composta por calhaus de granito de grão fino de média a grande dimensão e por esparsos blocos angulosos de feldspato, concentrados sensivelmente a Este, terá funcionado como um contraforte da estrutura funerária.

Por fim, além de cobrir o contraforte o depósito anterior apoiava-se em um segundo anel lítico de contenção externa [110] que delimitava a totalidade do monumento, formando uma área sub-elíptica, com um eixo maior de aproximadamente 7,30 metros, no sentido E-W, e com um eixo menor de cerca de 5,90 metros, no sentido oposto. De salientar que este anel estava parcialmente destruído pelo plantio de eucaliptos, na vertente NE, pelo que as suas dimensões são aproximadas. Este era constituído por um círculo de monólitos de dimensões médias, essencialmente em granito, dispostos de forma vertical ou oblíqua para o interior, num ângulo de aproximadamente 45°. Foram igualmente identificados alguns blocos angulosos de feldspato, de pequena dimensão, distribuídos uniformemente pelo anel pétreo (Fig. 3).

Por último, foi reconhecido um outro depósito argiloso [108] de matiz castanho escuro, homogéneo, compacto, de grão médio a fino, com inclusões de pedras de pequeno/médio calibre (quartzos e granitos de tamanho <0,5 cm), raízes e alguns carvões. Estes sedimentos encontravam-se por toda a área envolvente à massa do *tumulus*, servindo de base às estruturas pétreas de contenção e de delimitação. Saliente-se,

por fim, que neste depósito foram recolhidos, além de alguns fragmentos cerâmicos, dois artefactos líticos que julgamos estarem associados com a edificação do monumento e não com uma ação votiva. Deste modo, e com base nas relações estratigráficas destes sedimentos, sugerimos tratar-se de um depósito relacionado com a preparação/nivelamento do solo para a construção do montículo artificial.

A primeira fase de construção parece ter correspondido, assim, ao desmonte do afloramento rochoso localizado no entorno imediato do monumento. Neste sentido foi considerado, sob o depósito anterior, um interface horizontal [118], o qual testemunha a preparação do solo para a construção do monumento. Importa sobremaneira salientar que os elementos litológicos que constituem a couraça lítica do monumento serão, porventura, resultado do desmonte do afloramento granítico e que os grandes blocos angulosos de feldspato, identificados no topo da couraça, poderão corresponder a uma solução de sinalização do monumento na paisagem, dada a ausência de veios quartzíticos na envolvente. Tais factos sugerem igualmente o aproveitamento da pedra local na construção desta estrutura numa optimização de recursos.

Concomitantemente, na área localizada a W da estrutura monticular, sob os depósitos de acumulação natural e servindo de apoio à estrutura tumular, foi observado um conjunto de sedimentos de coloração castanho escuro, com a inclusão de pedras de pequeno/

médio calibre (quartzos e granitos de tamanho <0,5 cm), raízes e carvões que interpretamos como sendo um “Solo Carbonoso” (Figs. 4 e 5). No sentido de se poder obter um melhor esclarecimento acerca deste depósito foram recolhidas várias amostras de sedimentos para a realização de estudos complementares no âmbito da Arqueobotânica. O seu estudo veio a confirmar a presença abundante de carvões especialmente de *Quercus* de folha caduca e de *Leguminosae*. Os resultados corroboram, igualmente, a possibilidade destes sedimentos se terem formado fruto de uma queimada, a qual terá ocorrido no verão ou outono, como sugerem as sementes de *Genisteae* em fase madura bem como o fragmento de carvão no qual foi possível determinar a época de corte (TERESO 2014).

### Área central

Na área central do monumento, após a remoção das formações vegetais [100; 101 e 103], foi identificado um depósito [207] de coloração castanho escuro, argilo-limoso, heterogéneo, de grão médio a fino, com a inclusão de pedras de pequeno/médio calibre.

Possivelmente este depósito poderá estar relacionado com a violação do monumento, de cronologia incerta, correspondendo a um depósito de acumulação, do qual resultou o plantio e o crescimento de um eucalipto.

O desenvolvimento das raízes perturbou a disposição original dos esteios [112], bem como dos depósitos

associados à utilização do espaço de enterramento [116 e 117]. Embora a câmara do monumento tenha sido profusamente perturbada pela ação das raízes, tendo alterado a disposição original dos esteios (Fig. 6), dela preservou-se *in situ*, uma laje [113] e parte da estrutura de contrafortagem/calceamento dos esteios [114], caracterizada por pedras de pequenas e médias dimensões.

O depósito de acumulação [207] cobria, então, uma laje em granito de grão grosseiro com a inclusão abundante de elementos de feldspato [113], de formato sub-circular, com 1,03m de comprimento por cerca de 0,90m de largura e uma espessura variável entre os 0,10 e os 0,20m. Este monólito de extremidades boleadas e contorno sub-circular, poderá corresponder à laje de cobertura do monumento ou então à laje sepulcral. Dado o grau de perturbação da área central é-nos difícil reconhecer a funcionalidade deste monólito, embora nos pareça tratar-se da laje de cobertura, a qual terá caído aquando do crescimento do eucalipto (Fig. 7).

Na área central do monumento, detetaram-se 5 esteios que comporiam a câmara do monumento. Contudo, nenhum dos esteios foi identificado no seu posicionamento original estando ora absorvidos pelas raízes, ora derrubados, eventualmente, por ação das mesmas.

As dimensões dos esteios revelaram uma certa uniformidade na sua seleção (Tab. I), apresentando uma largura



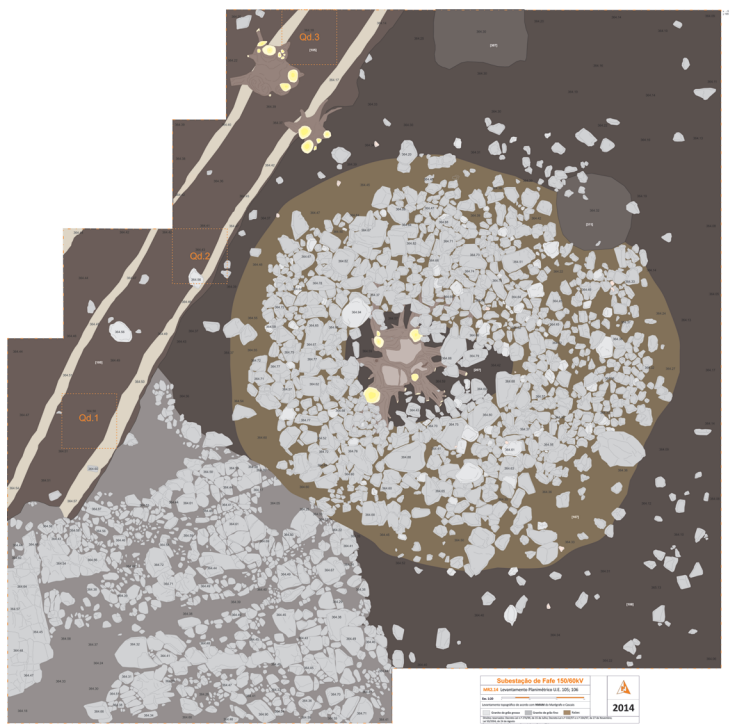


Fig. 4. Levantamento planimétrico do monumento sob *tumulus* da Regedoura 2, escala 1:20.



Fig. 5. Pormenor do solo carbonoso identificado na envólvecia do *tumulus*.



**Fig. 6.** Perspectiva Oeste da área central do monumento, sendo visível dois dos possíveis esteios que compunham a câmara funerária na vertente Este.



**Fig. 7.** Pormenor da área central do monumento.

variável entre os 0,30 e os 0,40m, por uma espessura rondante entre os 0,14 e os 0,20m. De igual modo, também na altura dos esteios foi verificável uma certa simetria dado que os mesmos variavam entre os 0,50 e os 0,60 metros de altura. As lajes apresentam superfícies alisadas na sua face interna e tonalidades amareladas, podendo caracterizar-se, do ponto de vista litológico, na sua maioria, por apresentarem uma matriz granular de cor acinzentada, razoavelmente homogénea.

Dado o estado de destruição da câmara, a determinação das suas características torna-se extremamente difícil. Apenas podemos presumir que seria fechada, de planta sub-circular, a ajuizar pela laje de cobertura, e não muito grande nem alta, tendo em conta as dimensões dos esteios, podendo corresponder, eventualmente, a uma estrutura de tipo cistóide ou de câmara poligonal, de dimensões modestas, com 1,40 metros de comprimento máximo por 1,40 metros de largura máxima, formada por três esteios de cada lado e um em cada extremidade. A sua altura seria relativamente baixa, na ordem dos 0,60 metros.

Após a remoção do tronco de eucalipto verificou-se a existência de uma estrutura lítica constituída por blocos angulosos de granito de grão fino, de tamanho pequeno a médio, distribuídos em torno de uma laje. Este alinhamento pétreo [114], delimitador de uma área de contorno oval, interpretámo-lo como uma possível estrutura de calcetamento dos esteios, sendo igualmente sobre esta onde se apoiava a laje [113].

Por fim e aquando a retirada da laje foi colocado a descoberto a uma ligeira depressão na área central do monumento (Fig.08), a qual era constituída por dois depósitos sedimentares que consideramos estarem associados com a utilização do espaço de enterramento [116 e 117]. O primeiro [116] consistia em um conjunto de sedimentos de coloração castanho escuro, areno-argilosos, homogéneos, de grão médio a fino, com a inclusão de pedras de pequeno/médio calibre, raízes e carvões. Sob este foi verificada a existência de um segundo [117] de matiz cinza acastanhado, argilo-arenoso, heterogéneo, de grão grosso a médio, com a inclusão de saibros, raízes e alguns carvões.

**Tabela I**  
Dimensões dos Esteios identificados

ESTEIOS	DIMENSÕES (m)			
	DESIGNAÇÃO	ALTURA	LARGURA	ESPESSURA
E1		0,63	0,29	0,22
E2		0,60	0,40	0,14
E3		0,52	0,38	0,17
E4		0,46	0,40	0,14
E5		0,54	0,38	0,17

A encerrar o faseamento da área central foi verificado que estes depósitos sedimentares enchem uma vala de formato semi-circular [115] de secção em U e base ligeiramente côncava, aberta nos solos alteríticos de base [109]. Com um diâmetro aproximado de 1,20 m e uma profundidade estimada, dada a infiltração de raízes, de cerca de 0,30m, julgamos tratar-se da área deposicional do indivíduo, embora não tenham sido identificados quaisquer indícios osteológicos associados (Fig. 09).

### Formações geológicas

Concomitantemente na área intervencionada, foi identificado um depósito alterítico [109] de coloração castanho amarelado, areno-argiloso, homogéneo, solto, de grão grosseiro a fino, com a inclusão de pedras de pequeno/médio calibre (quartzos e granitos de tamanho <0,5 cm) e raízes. Estes sedimentos encontravam-se sob o depósito de preparação do *tumulus* [108], tendo sido igualmente cortados pela depressão identificada na área central [115], e cobriam o afloramento rochoso, que em termos petrográficos corresponde a um granito de grão fino, bastante alterado devido ao desmonte a que foi sujeito para a construção do monumento.

Além do aproveitamento da pedra local na construção desta estrutura, num cenário de optimização de recursos, refira-se ainda que a própria implantação do monumento é igualmente peculiar, dado que o mesmo so-

brepõe-se a uma zona de contacto entre o afloramento granítico e um pegmatito granítico rico em feldspato.

### Deposição de artefactos

Os materiais arqueológicos recolhidos correspondem, *grosso modo*, a fragmentos cerâmicos e a uma pequena quantidade de artefactos líticos, o que poderá ser atribuído às perturbações descritas anteriormente (Fig. 10).

O espólio recolhido no decurso da intervenção arqueológica corresponde a olaria manual, essencialmente lisa. De acordo com as características das pastas podemos sequenciar a existência de dois grupos distintos. O primeiro é constituído por pastas relativamente compactas e desengordurantes que incluem pequenos fragmentos de quartzo e alguma mica, com superfícies e cernes geralmente escuros, em tons que variam entre o cinzento e o castanho. Enquanto no segundo é integrado por pastas igualmente compactas, com desengordurantes que incluem pequenos fragmentos de quartzo e alguma mica, com superfícies geralmente claras, em tons que variam entre o castanho e o amarelo, e cernes maioritariamente em tom de cinza claro. Os acabamentos, em ambos os grupos, são essencialmente alisados.

As formas dos bordos parecem denotar um predomínio de formas abertas, sendo reconhecíveis fragmentos de taças, uma delas de bordo oblíquo, aplanado e espessado interna e externamente; de tigelas de bordo arredon-

dado e ligeiramente extrovertido e de vasos globulares simples, de colo estrangulado e de colo troncocónico. Já no campo das formas fechadas, os bordos identificados correspondem essencialmente a fragmentos de potes.

Nas peças decoradas observam-se dois tipos de técnicas distintas: a incisão de linhas oblíquas e a impressão ou puncionamento.

Destaca-se ainda um outro fragmento de bordo levemente envasado, de extremidade reta, no qual é visível uma inserção de asa ou possível aplicação plástica mamilar.

No que concerne aos artefactos líticos lascados a maioria foi efetuada em quartzo, matéria-prima reconhecida pela sua dureza, destaca-se o aparecimento de cinco fragmentos que compõem um braçal de arqueiro em arenito; um martelo fragmentado em anfibolito; dois seixos rolados com marcas de talhe, um dos quais corresponde a um amolador em quartzito com vestígios de polimento em ambas as faces alongadas e com marcas de talhe nas duas extremidades; uma lâmina em quartzo; duas lamelas em quartzo, sendo visível em uma delas um retoque invasivo na superfície dorsal onde ainda existem faces naturais do cristal de quartzo; onze lascas com vestígios de retoque, duas delas em sílex; dois cristais de quartzo; três percutores; uma raspadeira; uma possível bigorna e sete restos de debitagem.

O aspeto essencialmente arcaico dos objetos em quartzo leva-nos a sugerir a possibilidade de se tratarem de

instrumentos produzidos no local, cuja finalidade estaria relacionada com a preparação da área e/ou construção do monumento.

Por último, o espólio em liga metálica está representado por apenas uma peça, recolhida na base do depósito [107]. Trata-se de uma ponta de seta em liga de cobre, de tipo Palmela, enquadrável entre o mundo campaniforme, segunda metade do III milénio, e os inícios da Idade do Bronze.<sup>2</sup>

Analisando a distribuição espacial dos materiais arqueológicos exumados, concluímos que estes são maioritariamente provenientes da zona envolvente da câmara, especialmente voltada a Este (Fig. 11).

Concomitantemente saliente-se que o maior número de materiais arqueológicos provém do depósito de preparação do *tumulus* [108] com 83 objetos, seguido do depósito estratigráfico relacionado com a massa tumular [107] com 68 objetos.

Não obstante, o posicionamento superficial de alguns fragmentos cerâmicos, do próprio braçal de arqueiro e da ponta de seta julgamos que deverão ser contextualizados no âmbito da utilização do monumento, devendo o seu enquadramento estratigráfico ter resultado da violação do espaço funerário, pelas condições de perturbação e de destruição descritas anteriormente.

<sup>2</sup> KAISER 2003:79.



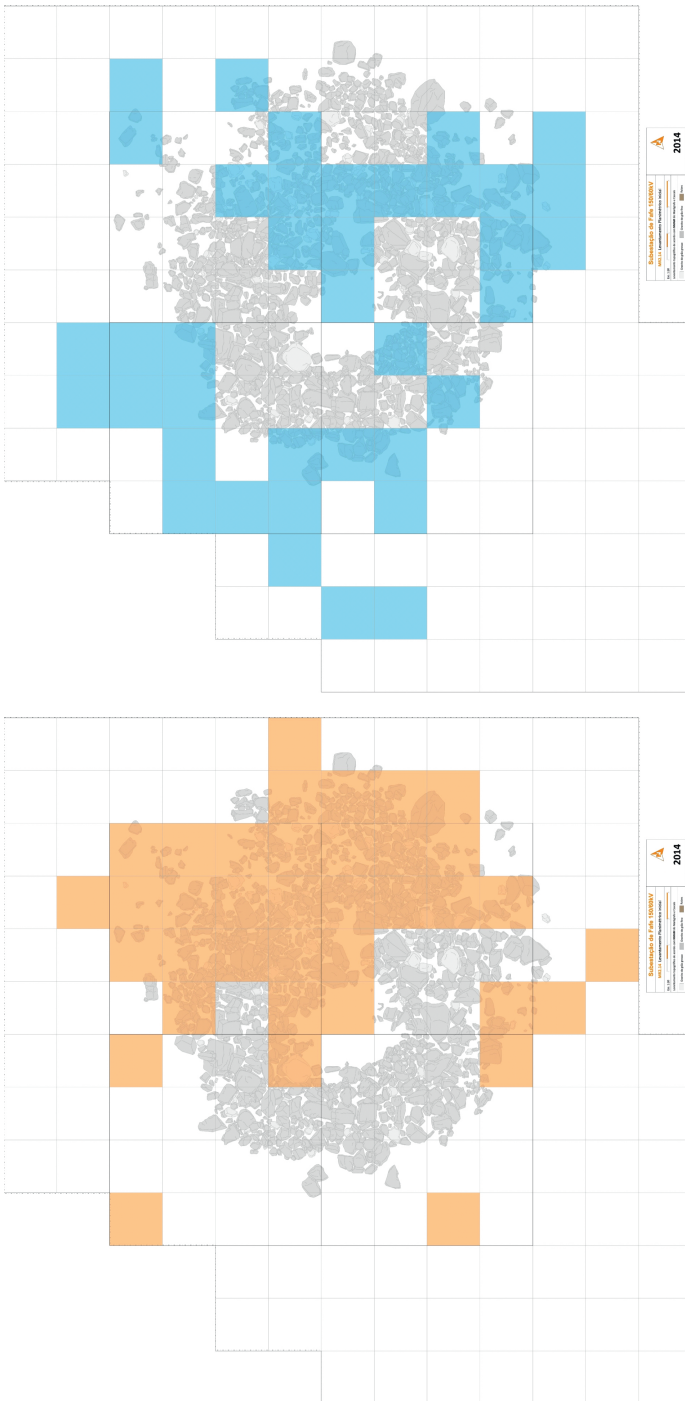
**Fig. 8.** Área central do monumento, sendo visível o depósito que preenchia a depressão central do monumento.



**Fig.9.** Pormenor da área central do monumento após os trabalhos de escavação.



Fig. 10. Materiais arqueológicos recolhidos.



**Fig. 11.** Distribuição bidimensional dos materiais arqueológicos recolhidos: cerâmicas (a laranja) e líticos (a azul).



## DATAÇÕES RADIOMÉTRICAS

Com o objetivo de datar o monumento foram selecionadas três amostras para datação radiométrica por AMS (Accelerator Mass Spectrometry) realizadas no Laboratório da DirectAMS (EUA).

As amostras visaram datar o nível superficial e a base do solo carbonoso procurando-se, assim, estabelecer uma relação temporal entre esta formação sedimentar e o monumento. Concomitantemente, face ao aparecimento de carvões no interior da depressão na área central procedeu-se à seleção de uma amostra de carvões, a aproximadamente 0,10m da base do enchimento [117], que visasse a obtenção de uma data absoluta para a utilização do *tumulus* (Tab. II).

As amostras foram selecionadas de acordo com as espécies antracológicas identificadas, tendo-se optado pelas Leguminosas dado o seu curto período de vida (cerca de 30 anos).

As datações foram posteriormente calibradas com o programa Oxcal 4.2.4 (BRONK RAMSEY 2013), usando a curva de calibração InCal13.<sup>3</sup>

## DISCUSSÃO

A implantação topográfica deste monumento sugere-nos alguns elementos importância. Em primeiro, há que naturalmente destacar o facto de este monumento ter sido implantado numa plataforma relativamente fechada, à semelhança por exemplo do monumento Vale de Chão 1, Braga (BOAS 2014:15-23), tendo visibilidade especialmente na sua envolvente direta. Paralelamente saliente-se, ainda, que este monumento integra uma pequena necrópole, composta por mais catorze monumentos, identificada durante o processo de revisão do Plano Diretor Municipal (RORIZ *et al* 2003), ou

<sup>3</sup> REIMER *et al.* 2013.

**Tabela II**  
Datações radiométricas por AMS

Ref. Lab.	Data BP	U.E.	Cal. a.C – d.C. (1 Sigma)	Cal. a.C – d.C. (2 Sigma)
D-AMS 008415	3900±26	105	2462 a.C. – 2400 a.C. (42,9%) 2383 a.C. – 2348 a.C. (25,3%)	2468 a.C. – 2332 a.C. (86,4%) 2326 a.C. – 2299 a.C. (9,0%)
D-AMS 008416	1297±23	315/109	671 d.C. – 710 d.C. (45,5%) 746 d.C. – 764 d.C. (22,7%)	664 d.C. – 724 d.C. (63,0%) 738 d.C. – 768 d.C. (32,4%)
D-AMS 008417	1739±30	117	251 d.C. – 338 d.C. (68,2%)	236 d.C. – 385 d.C. (95,4%)

seja, em um território que terá sido mitificado e sacralizado em um momento anterior (BETTENCOURT 2011:119).

Do ponto de vista estrutural, destaca-se o *tumulus* provido de contraforte, de câmara possivelmente cistóide, a qual albergava uma depressão central, preenchida de sedimentos, couraça lítica superficial e anel lítico periférico que serviu para conter a couraça, para além de outras funções simbólicas de mais difícil escrutínio, considerando nomeadamente a presença de volumosos blocos de feldspato que não deixariam de acentuar a visibilidade do monumento.

Curioso é, também, o facto deste monumento se ter adossado e adaptado a uma zona de contacto entre duas realidades litológicas, razão pela qual presumimos que este acidente geomorfológico teve uma significação especial para os seus construtores, tanto mais que a matéria-prima para a sua consecução, terá sido obtida pelo aproveitamento do afloramento granítico. Aproveitamento análogo é-nos igualmente testemunhado no monumento da Serra da Muna 2, Viseu (CRUZ et al. 1998a) e no monumento do Outeiro da Mariolas, Vieira do Minho (MENDES 2010). Tratam-se igualmente de dois monumentos de pequena dimensão, que aproveitaram o afloramento granítico diaclasado.

A seleção de outros elementos petrográficos, em menor quantidade, na couraça lítica do monumento, nomeadamente quartzos, quartzitos e alguns seixos de rio, levam-nos a equacionar a

possibilidade de deposição intencional de determinados minerais e rochas existentes nas proximidades. Do mesmo modo se sublinha a seleção dos esteios para a construção da câmara funerária, compostos especialmente por granitos de cor amarelada, e o monólito utilizado como laje que corresponde a um bloco de feldspato de grão grosseiro e de cor dominante branca.

Todas estas observações sugerem a intencional seleção de elementos naturais num quadro simbólico de práticas e ritos fúnebres onde as diferentes “matérias-primas” e cores eram significantes no momento da construção e utilização do monumento, o que indicia que as matérias construtivas não são apenas escolhidas por motivos oportunistas, mas também por motivos culturais (PEREIRA 2014).

Deste modo cremos que o monumento foi feito para ser visto e para perpetuar a recordação do indivíduo enterrado. Neste sentido refira-se que a solução adoptada pelos seus construtores terá passado pela integração de grandes blocos de feldspato na couraça lítica, dada possivelmente a ausência de veios quartzíticos na envolvência e a fim de contrastarem com o afloramento granítico e com os restantes elementos constituintes da couraça.

No que respeita ao mobiliário funerário, foram identificados artefactos líticos, nomeadamente um braçal de arqueiro, um martelo, um amolador e dois restos de talhe. Assim como cerâmica, não obstante ser escassa e se encontrar em parte descontextualizada, dada a violação

da câmara. Atendendo a alguma heterogeneidade de pastas, cores e acabamentos de superfície, é possível que os fragmentos cerâmicos recuperados possam corresponder à deposição de vários recipientes, no interior da câmara. No plano morfológico é de destacar, contudo, a identificação de vários fragmentos pertencentes a taças de bordo arredondado e de bordo oblíquo, aplanado e espessado interna e externamente, de dois recipientes tronco-cónicos, apresentando um deles inserção de asa ou de uma aplicação plástica mamilar. Foram ainda identificados três bordos que sugerem igualmente a presença de formas fechadas.

Ao nível das taças saliente-se que estas formas têm numerosos paralelos em povoados de cronologias balizadas entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, embora sejam igualmente reconhecidas em contextos funerários como é o caso da Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Baião), de construção atribuída na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze (CRUZ 1992).

No que concerne aos vasos tronco-cónicos refira-se que esta forma tem numerosos paralelos em diversos contextos funerários do Noroeste Peninsular, como sepulturas planas (necrópole de Cimalha, Felgueiras); cistas sem *tumulus* (necrópole de Chedeiro, Cualedro; cista de A Forxa, Riós; cista de Lordelo, Viana do Castelo, cista de Cabriadas/Gorgolão, Montalegre, entre outros (BETTENCOURT, 2009, 2011); monumentos sob *tumuli* de tradição megalítica, como o monumento da Serra da Muna 2, datado do Bronze Inicial (CRUZ et al. 1998a), o monu-

mento 3 da Casinha Derribada datável do Bronze Médio (CRUZ et al. 1998b) e eventualmente o monumento do Senhor dos Aflitos, Arouca (PEREIRA 2014); e, em reutilizações de monumentos megalíticos, como a Mamoa 1 de Madorras, Sabrosa (GONÇALVES & CRUZ 1994). Pelas datas de radiocarbono efetuadas para alguns contextos com este tipo de vasos as suas balizas cronológicas parecem situar-se entre o Bronze Inicial e o Bronze Médio, como já havia sugerido Ana Bettencourt (1999, 2010).

Por último, as formas fechadas correspondem maioritariamente a fragmentos de potes com bordo de aba soerguida e de lábios arredondados, cujas datas de radiocarbono efetuadas para alguns contextos com este tipo de materiais os situam, também, entre o Bronze Inicial e o Bronze Médio.<sup>4</sup>

Falta ainda explicar o martelo lítico fragmentado encontrado no depósito [108]. Trata-se de um objecto pouco comum neste tipo de monumentos, pelo menos no Norte de Portugal, sendo particularmente identificável em contextos habitacionais datáveis do Calcolítico. A relação desta peça com o depósito sedimentar onde foi exumado, leva-nos a considerar a possibilidade deste objecto a par de outros materiais encontrados serem resultado do processo construtivo do *tumulus*. Esta hipótese pode justificar-se no facto do martelo encontrar-se fragmentado tratando-se, eventualmente, de um objecto descartado.

<sup>4</sup> BETTENCOURT 1999.

Pontas de seta de tipo Palmela ocorrem, igualmente, em monumentos de igual cronologia. Referimo-nos à Mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Baião), na qual foram encontradas quatro pontas de seta de tipo Palmela a par de dois punhais de lingueta, em cobre (CRUZ 1992:115). Recentemente, Ana Bettencourt datou a cista da Quinta de Água Branca (Vila Nova de Cerveira), onde apareceu um punhal de lingueta similar aos encontrados na Chã do Carvalhal 1. A data obtida corresponde igualmente à transição do III para o II milénios a. C. o que coloca estes artefactos no Bronze Inicial (BETTENCOURT 2010).

A este horizonte cronológico deverá atribuir-se a necrópole de Chã de Arefe (Barcelos), como têm vindo a sugerir alguns investigadores (JORGE, S. 1983-84; BETTENCOURT 2010; 2011). Nesta necrópole, composta por três monumentos, foram recolhidos um vaso troncocónico, uma ponta de lança de tipo Palmela e dois braçais de arqueiro (SILVA *et al.* 1981). Refira-se ainda a Mamoa da Ínsua (Vila do Conde), na qual foi igualmente identificado um braçal de arqueiro em xisto e uma ponta de cobre pedunculada de tipo Palmela (JORGE, S. 1983-84), elementos que indiciam a reutilização deste monumento entre o Calcolítico e os inícios da Idade do Bronze.

Concomitantemente, as características construtivas e os paralelos existentes possibilitam mais algumas reflexões cronológicas. O grande número de monumentos sob *tumuli* que se conhecem para o Noroeste Peninsular, leva-nos a consi-

derar que o Monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 possa ter sido erguido no período de transição do III para o II milénio a. C.. Nomeadamente, na Galiza, poderemos destacar os monumentos sob *tumuli* de Reboredo 1 e Iliade 3, tendo o primeiro, uma fossa como câmara, ladeada por uma laje. Estes monumentos permitiram, ainda, a integração do túmulo 240 da Veiga dos Mouros/Vilavella, na Corunha, no qual apareceu um diadema em ouro, um punhal de lingueta e quatro pontas de tipo Palmela (BETTENCOURT 2011:119).

Também no Norte de Portugal, além dos monumentos citados previamente, enquadram-se também neste período o monumento de Outeiro dos Gregos I e o *tumulus* das Meninas do Crasto 4, em Baião (JORGE 1980, 1982, JORGE *et al.* 1988).

Na Beira Baixa destaca-se a Mamoa do Penedinho Branco, em Miranda do Corvo (CANINAS *et al.* 2012). Por fim, na Beira Alta foram registados vários monumentos similares em termos arquitetónicos (CRUZ 2001), além dos monumentos da Serra da Muna 1 e 2, merecem igual destaque o grupo de *tumuli* do Rapadouro (CRUZ 2001), o grupo de *tumuli* da Senhora da Ouvida (CRUZ & VILAÇA 1999) e o grupo de *tumuli* do Pousadão (CRUZ *et al.* 2000).

Refira-se, por fim, que as datas radiométricas obtidas revelam, no seu cômputo geral, uma ocupação temporal balizada entre meados do II milénio a.C. e o século VII d.C.

A data obtida para o topo do solo carbonoso (D-AMS 008415) indicia com fortes probabilidades para que este solo, com vestígios de uma queimada, tenha ocorrido entre 2468 a.C. – 2332 a.C.. Poderá tratar-se de uma queimada eventualmente relacionada com a desflorestação do local, portanto contemporânea da construção do monumento. Embora o facto de muitos dos materiais lenhosos identificados corresponderem a espécies arbóreas de idade avançada, como o Carvalho, seja pouco condizente com a prática de limpeza do local, como denotaram Domingos Cruz e Raquel Vilaça nos monumentos da Senhora da Ouvida, em Viseu (CRUZ & VILAÇA 1999:149-150). Pelo que não descartamos, igualmente, a possibilidade de se tratar de ritos associados com o fogo, prática comum em tumulações peninsulares e europeias, relacionáveis com as práticas mortuárias (CRUZ & VILAÇA 1999). Concomitantemente refira-se que a data radiométrica obtida enquadra-se com os materiais arqueológicos recolhidos e com as datações conhecidas para outros monumentos sob *tumuli* do Noroeste Peninsular.

Já a segunda amostra (D-AMS 008416), cujo propósito consistia em datar a base do solo carbonoso, revelou-se anómala para o efeito (664 d.C. – 724 d.C.). Admitindo-se a probabilidade de os materiais lenhosos, submetidos a datação, serem oriundos de uma superfície constituída por materiais de acumulação sobre o *tumulus*, que neste local abrangia 7,8% da área amostrada. Assim, a cronologia indicada poderá

ser considerada para as terras que paulatinamente se acumularam sobre o *tumulus* e respetivo solo carbonoso e não da base deste último.

O resultado da terceira amostra de sedimentos (D-AMS 008417) referente ao espaço funerário do monumento indicia uma cronologia recente, balizada entre 236 d.C. – 385 d.C.. Esta data poderá estar igualmente relacionada com uma migração de materiais lenhosos, provocada por agentes naturais; pela perturbação de animais e/ou infiltração de raízes ou, até mesmo, ser resultado de uma perturbação de origem antrópica, como a violação da área central do monumento.

Assim, a escavação do monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 acrescentou em nosso entender dados inéditos e de muito interesse para a compreensão dos aspetos tardios do fenómeno megalítico na bacia do Ave.

## BIBLIOGRAFIA

- BARKER, P. 1977. *Techniques of Archaeological Excavation*; Batsford Ltd.
- BETTENCOURT, A. M. S. 2011. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. Bueno, P., Gilman, A., Morales, C. M., Palencia, F. J. S. (eds.) *Arqueologia, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre Prehistoria reciente, Protohistoria y Transición al mundo romano. Bibliotheca Praehistorica Hispana, Vol. XXVIII*; Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Ed. CSIC. Madrid, 115-139.

- BETTENCOURT, A. M. S. 2010. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*, 67, 1: 139-173.
- BETTENCOURT, A. M. S. 1999. A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC, 5 vols, Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento - policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S., RODRIGUES, A., SILVA, I. S., CRUZ, C.S. & DINIS, A, 2005. The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal, *Journal of Iberian Archaeology* 7: 157-175.
- BOAS, L. V. 2014. Vale de Chão 1, Braga. Um Túmulus da Idade do Bronze no Noroeste Português. *Estudos do Quaternário*, 10.
- BRONK RAMSEY, C. 2014. OxCal Program, v. 4.2.4. Radiocarbon Accelerator Unit, University of Oxford, UK.
- CANINAS, J.; MONTEIRO, M.; PEREIRA, A.; CUNHA, P.; CARVALHO, E.; LIMA, A.; HENRIQUES, F.; FERNANDES, L. E VIEIRA, M. 2012. Intervenção geo-arqueológica na Mamoa do Penedinho Branco (Vila Nova, concelho de Miranda do Corvo, Serra da Lousã). Olhares sobre a Geologia, a Arqueologia e a História de Vila Nova: Junta de Freguesia - C. D. dos Baldios: 40-63
- CASTRO, A. S.; SILVA, A. J. M.; SILVA, C, R.; SEBASTIAN, L. C. 1997. Trabalhos de escavação arqueológica realizados no monumento 2 de Lameira Travessa (Pendilhe, Vila Nova de Paiva, Viseu), *Estudos Pré-históricos*; III; Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta; Viseu: 29-53.
- CROW, P. 2004. *Trees and forestry on Archaeological sites in the UK: a review document*. Forest Research.
- CRUZ, D. J. 2001. O Alto Paiva. megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento – policopiada).
- CRUZ, D. J. 1992. A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no Contexto Arqueológico da Serra da Aboboreira. Universidade de Coimbra; Faculdade de Letras; Instituto de Arqueologia; Coimbra.
- CRUZ, D. J. & VILAÇA, R. 1999. O grupo de *tumuli* da Senhora da Ouvia (Castro Daire, Viseu). *Estudos Pré-históricos*; VII; Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta; Viseu: 129-151.
- CRUZ, D. J., VILAÇA, R., SANTOS, A. T., MARQUES, J. N. 2000. O grupo de tumuli do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos*; VIII; Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta; Viseu: 125-150.
- CRUZ, D. J., GOMES, L. F. G. & CARVALHO, P. M. S. 1998a. Monumento 2 da Serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. Actas do colóquio: A Pré-história na Beira Interior (Tondela, Nov. 1997). *Estudos Pré-históricos* 6: 375-395.
- CRUZ, D. J., GOMES, L. F. G. & CARVALHO, P. M. S. 1998b. O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (Concelho de Viseu), *Conímbriga* 37: 5-76.
- HARRIS, E. C. 1979. Principles of Archaeological Stratigraphy; London.
- JORGE, V. O. 1985. Novas Datações de Radiocarbono para Mamoas do Concelho de Baião. *Arqueologia*. 11. Porto: 182-183.

- JORGE, V. O. 1982. Megalitismo do Norte de Portugal: distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu. Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento – policopiada).
- JORGE, V. O. 1980. Escavação da Mamoia 1 de Outeiro de Gregos. Serra da Aboboreira, Baião. *Portugália*, Nova Série 1: 9-28.
- JORGE, V. O.; ALONSO, F.; DELIBRIAS, G. 1988. Novas Datas de Carbono 14 para Mamoas da Serra da Aboboreira. *Arqueologia*. 18. Porto: 95-98.
- JORGE, S. 1983-84. Aspectos da evolução pré-histórica do norte de Portugal durante o IIIº e o IIº milénios a.C.. *Portugália*. Vol.04-05. Porto:97-110
- KAISER, J. 2003. Puntas de Flecha de la Edad del Bronce en La Península Ibérica. Producción, Circulación y Cronología. *Complutum*. 14. Madrid: 73:106.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. 1995. La necrópole del bronce inicial del Agro de Nogueira (Toques, A Coruña). *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Vigo 2003, Vigo, 2: 85-88.
- MENDES, S. 2010. O Outeiro das Mariolas no contexto do Calcolítico Final/Bronze Inicial. *Oppidum Revista de Arqueologia, História e Património*, 4.
- PEREIRA, G.; RORIZ, A. (2014) Monumento sob tumulus da Regedoura 2 (Fafe). Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. REN. (Rel. Policop.)
- PEREIRA, G. 2014. A sepultura sob tumulus do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário*, 10.
- PEREIRA DA SILVA, F. 1997. Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação? *Act. II Congresso de Arqueologia Peninsular*, Tomo 2 – Neolítico, Calcolítico y Bronce; Zamora, Fundación Rey Afonso Henriques: 605-620.
- REIMER P.J.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; RAMSEY, C.B.; BUCK, C.E.; CHENG, H.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P.M.; GUILDER-SON, T.P.; HAFLIDASON, H.; HAJDAS, I.; HATTÉ, C.; HEATON, T.J.; HOFFMANN, D.L.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MANNING, S.W.; NIU, M.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SCOTT, E.M.; SOUTHON, J.R.; STAFF, R.A.; TURNEY, C.S.M. & VAN DER PLICHT, J. 2013. IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP. *Radiocarbon* 55 (4): 1869-1887.
- RORIZ, A.; LEITE, J.; LEMOS, F. S.; BOTICA, N.; (2003) Relatório dos Trabalhos de Revisão da Carta Arqueológica de Fafe, no âmbito da elaboração do novo Plano Director Municipal.
- TERESO, J. (2014) Mamoia da Regedoura 2. Estudo Antracológico e Carpológico; Relatório Técnico (Policop.); Environmental Archaeology.
- SÁ, E., BETTENCOURT, A. M. S., SIMÕES, P. P. 2014. Técnicas construtivas, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do tumulus de Ladeiras do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário*, 10.
- SILVA, A.; LOPES, A.; MACIEL, T. 1981. A necrópole do Bronze inicial de Chã de Arefe (Durrães - Barcelos). *Revista de Guimarães*. Guimarães: 425-429.